

FEDERALISMO, AJUDA MÚTUA E AS LIÇÕES LIBERTÁRIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Guilherme Xavier de Santana

Doutorando em História Comparada no Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-IH-UFRJ); membro-pesquisador do Observatório do Trabalho na América Latina (OTAL); Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ). Professor da rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Bolsista Capes.

Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti

Doutoranda no Programa de Memória Social da UNIRIO (PPGMS-UNIRIO). Mestre pelo Programa de Memória Social da UNIRIO (PPGMS-UNIRIO); Graduada em História pela PUC-MG

Resumo: O presente artigo busca estabelecer uma relação teórica e prática entre alguns princípios libertários ao longo da história com as ações de resistência de coletivos e militantes autônomos em periferias e favelas do Rio de Janeiro no combate a pandemia do novo coronavírus em 2020. Discutimos assim à luz dessas práticas conceitos como federalismo e ajuda mútua, compreendendo a importância da auto-organização popular frente à violência de Estado.

Abstract: This article seeks to establish a theoretical and practical relationship between some libertarian principles throughout history with the resistance actions of autonomous groups and militants in Rio de Janeiro's peripheries and slums in combating the pandemic of the new coronavirus in 2020. We discuss this in light from these practices concepts such as federalism and mutual aid, understanding the importance of popular self-organization in the face of state violence.

Introdução

Ao longo do século XIX, com o avanço da urbanização e do modo de produção capitalista, a configuração social de todo o mundo mudou. No continente europeu isso

teve reverberações que até hoje construíram transformações profundas e mudanças de paradigmas na dinâmica social, política e econômica.

Pode-se dizer que as primeiras formas de luta da classe trabalhadora operária que foram sistematizadas teoricamente a partir de uma análise profunda das transformações que ocorriam nos meios urbanos dos países europeus afetados foram também discutidas, trabalhadas e divulgadas no século XIX. Dentre esses teóricos alguns se destacaram, como o francês militante, tipógrafo e um dos precursores do anarquismo Pierre Joseph Proudhon (1809-1865). Uma das principais contribuições teóricas de Proudhon foi sistematizar conceitos como o de federalismo.

Em uma fase posterior outros autores e autoras do campo libertário se destacaram, dentre eles o geógrafo russo Piotr Kropotkin (1842-1921). O intelectual também contribuiu de forma a se marcar tanto na prática quanto teoricamente, e estabeleceu em sua obra alguns paradigmas importantes para se trabalhar no presente trabalho como a noção teórica e prática de ajuda mútua.

O intuito desse trabalho é estabelecer uma relação desses conceitos e práticas ligados a tradição política anarquista com as situações de resistência, mobilização popular e comunitária, realizada por militantes e coletivos autônomos em periferias e favelas do Rio de Janeiro para evitar que a pandemia do COVID-19 se alastre causando fome e mortes na população mais pobre historicamente mais explorada em nosso país.

Sobre o Federalismo Libertário

Em 1863 o já citado militante e anarquista francês P.J. Proudhon lança um livro que se tornou central em sua trajetória: “Do princípio federativo”. Nessa obra o autor busca fundamentar as bases do que até podemos chamar de federalismo libertário, ou somente federalismo.

O intelectual francês buscou analisar as organizações de trabalhadores que existiam na França e estavam se mobilizando naquele período histórico contra os patrões. Essas coletividades seriam os primeiros sindicatos.

Os sindicatos naquela época e durante muitas décadas se organizavam de forma descentralizada, a partir dos locais de trabalho, independente do ofício do qual os indivíduos exerciam. Essas organizações de trabalhadores a partir de sua moradia e onde exercia suas funções laborais eram chamadas de federações de trabalhadores.

Proudhon foi o primeiro a tentar teorizar essas organizações, observando e atuando junto a tais sindicatos locais. Segundo o filósofo francês a ordem política se

baseia em dois princípios contrários: ordem e liberdade. O federalismo (e as demais formas de governo também), enquanto instancia de poder, busca o equilíbrio dessa forma de exercer a autoridade por meio de uma liberdade, e vice-versa, construindo uma dialética.

No trecho abaixo, o autor elucida um pouco essa dicotomia:

A autoridade não aparece em toda a sua estatura senão na coletividade social: conseqüentemente não pode exprimir-se, agir, senão pela própria coletividade ou por um elemento que a personifique; identicamente, a liberdade não é perfeita senão quando é garantida a todos, seja por todos terem lugar no governo, seja por o cargo não ter sido subtraído a ninguém (Proudhon, 2001: 55-56).

Avançando, podemos dizer a partir dos postulados teóricos do anarquista francês que o federalismo começa a se consolidar e efetivar quando uma ou mais comunas, ou mais grupos de comunas, obrigam-se recíproca e igualmente em relação aos outros para um ou mais objetos particulares, cuja carga incumbe em especial aos delegados¹ da federação (Proudhon, 2001).

Proudhon ainda deixa bem claro em seus escritos e analisados a partir da prática da organização dos primeiros sindicatos europeus que na federação a centralização política é limitada a certos momentos, ou seja, ela é pontual e de acordo com um contexto específico. No Estado essa centralização é universalizada, e praticamente todas as tomadas de decisões partem do que chamamos “de cima para baixo”. Logo, reforçando a ideia de que as imposições políticas partem do Estado (e suas instituições) para os indivíduos e grupos sociais num geral.

Berthier reforça conceitualmente e na prática o federalismo defendido por Proudhon da seguinte forma:

(...) o federalismo é um modo de organização no qual cada instância constitutiva do organograma é autônoma no que diz respeito às questões que a concernem diretamente, e que delega, por intermédio de um ou vários representantes designados, uma parcela de sua soberania nas instâncias superiores do organograma para as questões que ultrapassam seu próprio campo de intervenção. Não há, portanto, nem captação de todo poder pelo cume (centralismo), nem atomização do poder (autonomismo) (Berthier, 2016: 31-32)..

¹ Delegados seriam uma espécie de cargos momentâneos, escolhidos por meio de uma democracia direta e de base, para transmitir em algum fórum maior e externo a comuna o que teria decidido internamente na federação do delegado da vez. Importante que na maioria dos casos esses cargos de delegados são revogados a qualquer momento em coletivos, federações e movimentos sociais que se pautam pelo federalismo.

Discorreremos um pouco sobre a noção teórica e prática de ajuda mútua a seguir para contribuir nas reflexões.

Sobre Ajuda Mútua

O geógrafo, militante e anarquista russo Piotr Kropotkin foi e continua sendo um dos intelectuais do campo libertário mais importantes, com obras fundamentais e que são basilares pra entender a história e os princípios dessa filosofia política. Dentre essas publicações destacaremos o livro “Ajuda Mútua: um fator de evolução” (2009) no presente trabalho.

Kropotkin busca desenvolver a ideia de ajuda mútua como um ponto de contraponto ao darwinismo social e o pensamento liberal como um todo, que na Europa da segunda metade do século XIX era extremamente difundido como prática política de alguns governos imperialistas, além de ser ratificado cientificamente por intelectuais desses mesmos países.

Se no pensamento liberal a ideia de individualismo e meritocracia justificava as ações políticas e “evolução” da espécie humana ao longo da história, tendo, como por exemplo, o capitalismo como uma fase fundamental desse avanço, o anarquista russo entendia que ao invés da competição entre os seres sobrevivessem, o que fez com que a humanidade – e outras espécies também – foram aspectos como a cooperação e o apoio entre os indivíduos e grupos sociais em geral.

Cabe ressaltar também que o autor escreveu a obra “Ajuda Mútua” no fim do século XIX e a questão do evolucionismo estava extremamente em pauta, além do diálogo que ele estava buscando estabelecer com teóricos e correntes de pensamento do seu tempo. Acreditamos ser importante alertar e apontar esse aspecto.

Daí é relevante dizer o contexto e explicar o porquê de sua tese utilizar exemplos da ciência da natureza como animais (aves de rapina, felinos, macacos, roedores, etc.) e traça uma linha histórica e evolutiva do ser humano, pegando dos chamados “homens das cavernas” até a contemporaneidade com o avanço da industrialização e do sistema capitalista num geral, passando por outros períodos como a Idade Média, por exemplo. Kropotkin entende que em todos esses exemplos a ajuda mútua foi preponderante para a sobrevivência e na construção de lutas coletivas em geral, como nas organizações dos sindicatos e movimentos sociais.

Nas palavras do anarquista russo,

A tendência do ser humano à ajuda mútua tem uma origem tão remota e está tão profundamente entrelaçada à toda a evolução de nossa espécie que foi conservada por esta até o presente, apesar de todas as vicissitudes da História. Evoluiu principalmente durante períodos de paz e prosperidade; mas, quando as grandes calamidades assolavam os homens – países inteiros devastados por guerras e populações inteiras dizimadas pela miséria, ou sob o jugo da tirania -, essa mesma tendência continuou existindo nas aldeias e entre as classes mais pobres das cidades; continuou unindo e, com o passar do tempo, chegou até a reagir contra minorias dominantes, guerreiras e devastadoras que a desprezavam como sentimentalismo barato. E toda vez que a humanidade teve de construir uma nova organização social, adaptada a uma nova fase de desenvolvimento, seu gênio construtivo sempre tirou os elementos e a inspiração para o recomeço dessa mesma tendência perene (Kropotkin, 2009: 179).

Buscaremos trazer essa reflexão de Kropotkin sobre a ajuda mútua como um fator de cooperação na luta por sobrevivência ao longo da história e a forma como coletivos e militantes autônomos de periferias e favelas do Rio de Janeiro estão buscando não só evitar o contágio pessoal, familiar e de pessoas próximas, mas esclarecer para a população que sempre foi carente de direitos e recursos básicos desde sempre do perigo que a pandemia do coronavírus tem causado em todo o mundo, e pode ocasionar uma tragédia social nessas comunidades.

A seguir iremos contextualizar um pouco do histórico das ocupações de favelas na história e algumas de suas características gerais segundo estudos.

Contextualizando a realidade social e histórica das favelas no Rio de Janeiro

Há estudos e relatos históricos dizendo que a ocupação de encostas e morros na cidade do Rio de Janeiro tiveram se intensificaram na virada do século XIX para o século XX. Porém, o primeiro registro de uma favela que se tem notícia foi no recenseamento de 1920, que documentou uma aglomeração de 839 casas aonde é o atual Morro da Providência, organizado por veteranos da Guerra de Canudos (Perlman, 1977).

Diversos fatores servem para analisar o fenômeno da favelização, como por exemplo o avanço intenso e em tempo reduzido da urbanização em países como o Brasil e parte da América Latina, as primeiras expulsões de famílias da região centro-sul da cidade, além da grande onda migratória principalmente para Rio de Janeiro e São Paulo já na segunda metade do século XX. No Rio de Janeiro, a primeira reforma urbana ocorrida no início do século XX, sob o governo de Rodrigues Alves e Pereira Passos, foi

marcada pelas remoções dos cortiços da região central, e tal prática viria a ser retomada por vários outros governos posteriores, acelerando o processo de segregação territorial da cidade.

Há uma vasta bibliografia que retrata historicamente como as favelas foram tratadas como um problema social, principalmente a partir do Estado Novo do governo de Getúlio Vargas (Perlman, 1977; Valladares, 2000; Lima, 2014; Gonçalves; Amoroso, 2014) e podemos dizer que até hoje as instituições do Estado negligenciam, marginalizam e criminalizam a população de favelas com relação a ações e políticas públicas efetivas para os moradores dessas localidades.

Lima (2014) ressalta que “a assistência que o Estado presta aos favelados, por exemplo, não está direcionada ao pobre, mas ao que a pobreza pode gerar ao restante da população”. E ao recorrer à história a autora demonstra que,

A chegada dos anos 1930 é o momento em que o controle social se expande. Seja através da ordem ou da desordem das classes populares, o que se confirma é que a preocupação se volta para os trabalhadores como ponto de partida para se solucionar os problemas sociais (Lima, 2014).

Dito isso, com o passar das décadas e a partir dos estudos de Perlman (1977) já se confirma que em 1970 a população que viviam em favelas já era de 32% do total da população carioca (cerca de um milhão de pessoas).

Os primeiros barracos e/ou moradias irregulares nas encostas dos morros do Rio de Janeiro foram iniciativas única e exclusivamente de pessoas pobres, expulsas de suas moradias originais ou migrantes principalmente das regiões Norte e Nordeste do país, diante da ausência do direito a moradia. Alguns autores, como Maricato (1979) chamam tais ações coletivas de autoconstrução.

A autoconstrução, o mutirão, a auto-ajuda, a ajuda mútua são termos usados para designar um processo de trabalho calcado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores, nos compromissos familiares, diferenciando-se portanto das relações capitalistas de compra e venda da força de trabalho.” (Maricato, 1979: 71).

Cabe atentar aqui não cair em aspectos negativos do senso comum e que acabam por reproduzir aspectos homogêneos nas análises que buscam estudar a realidade das construções sociais e históricas em diversas favelas do Rio de Janeiro e periferias do país que possuem uma pluralidade considerável.

A respeito disso, Santiago (2016) mostra que

Ignora-se que além de ocupar diferentes espaços geográficos, diversas são as características que fazem com que a favela não seja um espaço homogêneo, como as diferenças entre seus milhares de moradores e a forma como esses espaços estão organizados fisicamente e culturalmente, por exemplo (Santiago, 2016: 52)

Ao analisar de forma mais ampliada e buscando aspectos que são clássicos a respeito da representação da favela nos estudos, Santiago (2016) indaga da seguinte forma:

(...) esse olhar para a favela, focado na ausência, embora seja um ponto de vista negativo, assumiu importância para a definição das demandas e reivindicações da população desses locais – principalmente no que diz respeito às obras de infraestrutura. E foi a crescente organização popular, que se manifestou em diferentes momentos e maneiras, que, aos poucos, permitiu uma ampliação do acesso de forma mais regular aos serviços de água, esgoto e iluminação, por exemplo. Houve avanço também na construção de escolas, creches e postos de saúde, reivindicações que implicam diretamente na melhoria de vida dos moradores (Santiago, 2016: 52-53).

Iremos ao longo do próximo tópico do artigo avançar e conectar a luta contra a pandemia em 2020 com os conceitos e práticas libertárias ligadas a autores do campo anarquista.

A organização nas periferias: Federalismo, Ajuda Mútua e a luta pela sobrevivência coletiva em tempos de Coronavírus

O ano de 2020 vai ficar marcado na história por conta de uma das maiores crises humanitárias das últimas décadas provocada pela pandemia do vírus COVID-19 (ou novo Coronavírus) que até o momento que estamos produzindo este artigo já infectou mais de 870 mil pessoas, sendo que mais de 40 mil mortes foram registradas². Tal vírus tem se mostrado letal e se espalhou por diferentes partes do mundo, ainda não tendo vacina e nem medicação para sua cura.

No Brasil oficialmente temos mais de 5.700 casos e mais de 200 mortes³. Esses registros aumentam a cada dia que passa e ainda estamos num estágio que poucas pessoas

² <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-01/ao-vivo-ultimas-noticias-sobre-o-coronavirus-no-brasil-e-no-mundo.html>

³ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/31/coronavirus-brasil-casos-mortes-31-marco.htm>

testaram de fato se estão ou não com o vírus, o que acaba por termos que observar os dados oficiais com cautela.

Acrescentando a esse cenário acreditamos ser importante dizer que segundo dados oficiais de 2017 do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) o Brasil é o 7º país mais desigual do mundo⁴, sendo que o Rio de Janeiro é o 8º Estado mais desigual do Brasil a partir de dados da PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar) desenvolvida em 2013⁵.

Afunilando nas questões de estatísticas temos hoje cerca de 763 favelas na cidade do Rio de Janeiro, tendo uma população de 1.393.314 nesses territórios, ou seja, 22,03% dos 6.323.037 moradores da capital carioca. Esses números são do Censo do IBGE realizado em 2010⁶.

A população de favelas historicamente sempre sofreu com o descaso de autoridades estatais, com ausência de serviços essenciais como água encanada, saneamento básico⁷ e outras questões que afetam o cotidiano de moradores e moradoras. Temos que incluir na análise toda a repressão que vivem os moradores de favelas e periferias com a polícia e órgãos da segurança pública, tanto que 65% das pessoas que residem em favelas temem a violência de Estado – segundo pesquisa do DataFavela⁸.

É nesse cenário que a maior pandemia das últimas décadas está chegando no Brasil e em especial, nas periferias, e nesse contexto o Estado capitalista permanece priorizando ações de auxílio ao grande capital e discutindo os poucos auxílios à população visando apenas a “salvação da economia” para convulsões sociais como saques e rebeliões.

Assim, iremos de forma resumida apontar algumas iniciativas que militantes e coletivos autônomos de diferentes regiões da cidade estão buscando desenvolver de forma coletiva contra o avanço do COVID-19 no Rio de Janeiro.

Vale dizer que a luta contra esse vírus é extremamente delicada, pois requer uma mudança de postura de toda a população. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) algumas recomendações como hábitos de lavar as mãos com sabão a todo instante quando estiver em casa; utilizar lenço descartável para higiene nasal; usar produtos como

⁴ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/09/brasil-e-o-7-mais-desigual-do-mundo-melhor- apenas-do-que-africanos.htm>

⁵ <https://exame.abril.com.br/brasil/os-10-estados-brasileiros- onde-a-desigualdade-e-maior/>

⁶ <https://oglobo.globo.com/brasil/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489272>

⁷ <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/05/perda-por-falta-de-saneamento-em-favelas- chega-r-25- bilhoes-ao-ano.html>

⁸ <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/violencia-policial-65-de-moradores-de-favelas-do- rio-temem-diz-estudo.html>

álcool gel quando estiver fora de casa e para limpar objetos como telefones, teclados, cadeiras, maçanetas, etc; buscar o máximo de distanciamento social e, para quem puder (e quem pode, é a questão primordial), ficar isolado em suas casas. Também é fundamental as máscaras faciais descartáveis para uso dos profissionais da saúde, cuidadores de idosos, mães que estão amamentando e pessoas diagnosticadas com o coronavírus; dentre outras tantas medidas⁹.

A partir de seus espaços de moradia, alguns moradores e moradoras de forma organizada estão buscando realizar campanhas online¹⁰, fazer parcerias com entidades como sindicatos e associações de trabalhadores, com o intuito de arrecadar material de higiene, alugar carros de som para circular pelas ruas das favelas, colocar faixas nas principais entradas, saídas e ruas de maior movimentação e transeuntes, tudo isso com o objetivo de conscientizar as pessoas a seguirem as recomendações e evitar que o vírus se propague.

Dentre a militância e moradores envolvidos podemos citar o Coletivo Papo Reto¹¹, Ocupa Alemão¹² (ambos com atuação no Complexo do Alemão), Coletivo Fala Akari¹³, além de alguns coletivos e militantes ligados à comunicação comunitária, educação popular e outras lutas do cotidiano no Complexo da Maré. Tivemos contato com trabalhos parecidos e de mobilização autônoma nos quilombos Camorim e Cafundá Astrogilda¹⁴, Morro da Providência, Mangueira, Morro dos Macacos, Manguinhos, Cantagalo e Pavão Pavãozinho, Cidade de Deus, Baixada Fluminense, só para citar alguns. As iniciativas que partem de indivíduos ou grupos de amigos são incontáveis.

Em cerca de duas semanas, foram organizados: materiais de divulgação online, faixas e carros de som sobre as formas de prevenção ao Coronavírus; atendimento jurídico referente à questões trabalhistas e a operações policiais – viabilizado graças a algumas advogadas e advogados populares voluntários; iniciativas de arrecadação e doação de cestas básicas e itens de higiene; orientação e atendimento a vítimas de violência

⁹ <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46540-saude-anuncia-orientacoes-para-evitar-a-disseminacao-do-coronavirus>

¹⁰ <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/complexo-da-mare-contra-o-coronavirus?fbclid=IwAR1lzw5sstpZgdwW-K3YpGDkFDi3ohi4fYm6BMcyQgmoqfiBvkzrUxfE510>

¹¹ <https://www.facebook.com/ColetivoPapoReto/>

¹² <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/>

¹³ <https://www.facebook.com/QuilomboAcari/>

¹⁴ https://www.facebook.com/profile.php?id=100009608566748&fref=search&_tn_=%2Cd%2CPR&eid=ARCcpMRBWWos8yc2PwnWEQdV8OGnlhMWQFywIhnN_vg4fLYIOibGOR9qcCjdRelj6nCF7S2KLDNzxLM5

doméstica; rede de profissionais de saúde mental; matérias denunciando as condições enfrentadas nas favelas; pressão junto ao ministério público sobre a falta de água, entre outras iniciativas, que vem se multiplicando a cada semana.

A reflexão que estamos propondo é buscar entender e relacionar essas formas de organização e luta por sobrevivência a experiências que sempre aconteceram ao longo da história, principalmente na resistência dos povos originários e comunidades negras, que diante de um genocídio por séculos promovido pelas elites seguem vivas. Entendendo que a formação de classe no Brasil é racial – e isso perdura até os dias atuais¹⁵ -, não podemos ignorar, portanto, a relação essencial entre raça e classe, especialmente quando se fala de favelas – ainda que a classe trabalhadora menos favorecida tenha sido composta também por brancos imigrantes ou descendentes destes.

Diante desse assunto e a referência teórica do trabalho, é importante trazer ao debate o ex-militante dos Panteras Negras e anarquista Lorenzo Kom'boa Ervin. O autor expõe uma aproximação teórica e prática dos libertários com a comunidade negra nos Estados Unidos.

Essa reflexão nos serve quando, por exemplo, Ervin diz que,

Eu acredito que os trabalhadores brancos devem desistir de sua posição privilegiada, da sua “identidade branca”, e devem apoiar os trabalhadores racialmente oprimidos em suas lutas por igualdade e libertação nacional. Liberdade não pode ser comprada pela escravidão e exploração dos outros.

Eu acredito em justiça social e igualdade econômica, então eu sou um Socialista Libertário. Eu acredito que a sociedade e todas as partes responsáveis pela sua produção devem compartilhar os produtos econômicos do trabalho. Eu não acredito no Capitalismo ou no Estado, e acredito que ambos devem ser derrubados e abolidos. Aceito a crítica do Marxismo, mas não o seu modelo de organização política. Aceito a crítica antiautoritária do Anarquismo, mas não a sua rejeição da luta de classes (Ervin, 2015: 168-169)

Assim, trabalhadores e trabalhadoras criaram formas de organização e resistência à exploração desde o início do sistema capitalista. No Brasil, as primeiras décadas do pós-abolição já foram marcadas pelas greves e pela formação de sindicatos, e apesar destes últimos terem sido inspirados nas experiências europeias constituíram suas particularidades no contexto. Como diz Proudhon em sua teoria política, esses sindicatos se organizavam a partir de seus locais de moradia e trabalho, buscavam construir suas

¹⁵ Segundo dados do IBGE de 2018, o total da população negra no Brasil é referente a quase 55,8% e 54,9% da força de trabalho. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-11/negros-sao-maioria-entre-desocupados-e-trabalhadores-informais-no-pais>

pautas em comum e lutava contra o sistema e também por suas vidas, sempre de forma coletiva.

Ou seja, a partir da periferia começavam a construir suas políticas, porém não deixavam de dialogar com outras regiões, mas pelo contrário, tinham conexões ao longo de greves gerais que aconteciam naquele período. Importante reforçar que as estratégias de luta iam além dos órgãos e instituições do Estado.

Assim funcionava na prática tanto aqui quanto na Europa o que o filósofo e militante anarquista chamou de federalismo.

O artigo se propõe a relacionar diferentes referências para pensar as práticas de sobrevivência nas periferias e favelas do Rio de Janeiro, a forma de atuar desses coletivos que possuem autonomia diante de partidos e órgãos institucionais, apontando como são capazes de mobilizar em seus territórios ações políticas, sociais e pedagógicas nesse momento crítico de uma pandemia e que, na verdade, sempre sofreram com a violência do Estado, e não apenas com seu “abandono” como alguns afirmam.

Ao analisar a obra de Proudhon e o conceito de federalismo, Montebello (2009) aponta que,

A política deixa de ser campo de interpretação filosófica ao se desdobrar nas virtualidades das práticas, na tensão permanente entre os princípios de autoridade e liberdade (...). Proudhon interrompe a continuidade política da formalidade do Estado com a federação descentralizada, política e econômica (...) (Montebello, 2009: 26).

Acreditamos ser importante mostrar essa reflexão da autora para entender que a base filosófica e teórica de Proudhon não poderia estar de forma alguma descolada da prática. O federalismo acima de tudo é e sempre foi uma prática dos povos oprimidos de tempos em tempos na história, e o que o militante francês busca fazer é apenas sistematizar a partir da realidade que observava na Europa do século XIX, mas que reverbera em diversas lutas ainda no século XXI. Ou seja, ainda que tenham processos históricos distintos podemos identificar aproximações entre as lutas que foram realizadas pela autorganização popular, e é sempre importante lembrar no caso das que tiveram influência anarquista no Brasil, que foram duramente reprimidas até arrefecerem com a ascensão do governo varguista, não por serem ineficazes como muitos ainda tentam afirmar, mas justamente por serem uma ameaça real ao sistema.

Portanto, voltando ao contexto atual, podemos afirmar aqui que de maneira autônoma os coletivos citados estão buscando se articular com demais moradores e moradoras, de forma a conter a propagação do COVID-19, protestar contra a falta de água

nas redes, dialogando por meio de carros de som, faixas, campanhas de divulgação na internet e evitando a fome pela arrecadação junto a órgãos que queiram colaborar.

Não se ignora que as favelas possuem instituições que atuam de formas distintas e que eventualmente também podem dialogar com esses coletivos; a verdade é que diante da necessidade, quase toda ajuda pode ser bem-vinda mas muitos moradores têm assumido uma postura crítica diante de instituições de fora da favela em geral que não assumem uma posição politizada mais contundente diante do apartheid social promovido pelo Estado.

Ao verem que servem para gerar capital financeiro e político para muitas dessas instituições, moradores preferem criar espaços autônomos, que trazem no entanto certas dificuldades e obstáculos próprios mas também suas vantagens - entre elas e a principal, liberdade de atuação segundo seus ideais.

Ainda assim, algumas instituições como a FIOCRUZ, entidades sindicais de universidades públicas e outros órgãos da sociedade civil como Organizações Não Governamentais (ONGs) e indivíduos também estão ajudando nessa campanha contra o Coronavírus nas favelas. Importante lembrar que a campanha vem ocorrendo também em outros locais do país e suas respectivas populações de periferia¹⁶.

Vale dizer que essa ajuda mútua – nos termos de Kropotkin – não interfere na forma independente que os coletivos que estão de frente nas favelas irão usar os materiais ou até alguma ajuda financeira, mesmo que esses recorrentemente acabam por prestar contas nas redes sociais.

Moraes quando disserta sobre o conceito de ajuda mútua do anarquista russo mostra que Kropotkin,

(...) nega a perspectiva liberal, baseada na concorrência, no individualismo, no utilitarismo, em última instância, no princípio hobbesiano da guerra de todos contra todos no estado de natureza. Ao mesmo tempo, combate o darwinismo social, baseado na perspectiva, segunda a qual os mais fortes sempre vencem, imbuídos da primazia da competição (Moraes, 2016: 117).

O exemplo da militância e da atuação desses coletivos em tempos de COVID-19 nas favelas – que é bom reforçar nunca se intitularam anarquistas, libertários ou algo do tipo – ressalta e reacende princípios próximos do que a teoria e prática anarquista ao longo de sua trajetória sempre buscaram, levando sempre em conta as especificidades históricas

¹⁶ <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/03/23/coronavirus-doacoes.htm>

e locais de cada movimento tem em seu local, porém em conexão com demais lutas e instituições que queiram apoiar a causa, sem intenções que não seja a solidariedade em um momento delicado.

Conclusão e buscando ir além

Logo na abertura do disco “Da Lama ao Caos”¹⁷ lançado em 1994 – e que se tornou um clássico -, Chico Science junto a Nação Zumbi com o seu manifesto em forma de versos “Monólogo ao pé do ouvido”¹⁸ diz que “o homem coletivo sente a necessidade de lutar” e ao refletirmos sobre os tempos que estamos passando, analisando a situação política, social e econômica, o presente artigo nos permite reatualizar princípios clássicos anarquistas como a solidariedade, o apoio mútuo, autonomia, federalismo que desenvolvemos no texto.

O próprio Kropotkin nos mostra que o princípio da ajuda mútua é um princípio fundamental para a sobrevivência da espécie humana e de todas as demais ao longo da história. E a solidariedade e luta pela vida em tempos de coronavírus, de forma coletiva, nas periferias e favelas reforçam o argumento do anarquista e geógrafo russo. Tais práticas opõem-se ao projeto genocida do Estado brasileiro, que traça diferentes caminhos com o mesmo fim, o controle social e a manutenção da estrutura sócio-racial do país.

¹⁷ O disco na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=3bCW4B-kk-4&t=10s>

¹⁸ “Modernizar o passado

É uma evolução musical

Cadê as notas que estavam aqui?

Não preciso delas!

Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos

O medo dá origem ao mal

O homem coletivo sente a necessidade de lutar

O orgulho, a arrogância, a glória

Enche a imaginação de domínio

São demônios os que destroem o poder bravo da humanidade

Viva Zapata!

Viva Sandino!

Viva Zumbi!

Antônio Conselheiro!

Todos os Panteras Negras

Lampião, sua imagem e semelhança

Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia”

(“Monólogo ao pé do ouvido” – Chico Science & Nação Zumbi)

Buscamos nesse artigo relacionar princípios libertários com as práticas comunitárias utilizadas nas favelas do Rio de Janeiro, que em sua maior parte são compostas de negros e negras.

E mais uma vez trazemos uma citação importante sobre o tema de Ervin (2015) que nos diz:

Anarquismo significa que teremos mais democracia, igualdade racial e prosperidade econômica. Eu me oponho a todas as formas de opressão presentes na sociedade moderna: o patriarcado, a supremacia branca, Capitalismo, Comunismo de Estado, ditames religiosos, discriminação contra gays, etc. (Ervin, 2015: 169).

Finalizamos esse trabalho com o que Bakunin sempre buscou mostrar em sua obra e vida como militante: “a liberdade do outro, longe de ser um limite ou a negação da minha liberdade é, ao contrário, sua condição necessária e sua confirmação. (...) Minha liberdade pessoal assim confirmada pela liberdade de todos se estende ao infinito” (Bakunin, 2014).

Ou seja, não há possibilidade de liberdade na sociedade no plano do indivíduo, mas ela só é realizada de forma plena se for conquistada coletivamente, e a partir daí todos os indivíduos que compõem a sociedade poderão ser livres do atual sistema. Não podemos nos dar por satisfeitos se apenas nossos amigos, familiares e pessoas próximas não sofrerem com a pandemia, mas sim estarmos atuantes nessa rede de apoio mútuo principalmente em relação à população que historicamente sempre sofreram a exclusão e a violência do Estado.

Consideramos fundamental retomarmos a noção de liberdade dos anarquistas diferenciando-a do conceito de liberdade dos liberais, que prega acima de tudo a individualidade e a defesa da propriedade privada.

Reforçar isso é ainda mais necessário num período em que o próprio presidente da república e vários megaempresários brasileiros declararam que a morte de alguns milhares de pessoas num país como o Brasil são “normais” - comparação equivocada por não levar em conta as circunstâncias diferentes dos tipos de mortes, reflexo principalmente da desigualdade social que temos. O empresariado tenta legitimar tais ideias para justificar as mortes pela COVID-19 como inevitáveis, indicando assim medidas para que “a economia não pare” e as pessoas possam produzir ao invés de ficar em quarentena para se proteger da pandemia e evitar que ela se propague¹⁹.

Como diz Chico Science, temos que reforçar que o ser humano em todas as formas de coletividade tem e precisa ter cada vez mais a necessidade de lutar por dias melhores, para todos

¹⁹<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/24/interna-brasil,836326/coronavirus-empresarios-minimizam-pandemia-e-sao-criticados-internet.shtml>

e todas, e isso só pode ser possível através da consciência política e a partir do fortalecimento comunitário de laços de solidariedade, autonomia e ajuda mútua. A auto-organização é historicamente o mais forte recurso que as favelas e periferias utilizaram e utilizam para resistir à exclusão e à violência de Estado.

Bibliografia

BAKUNIN, Mikhail (2014). Textos anarquistas. Porto Alegre: L&PM.

BERTHIER, René (2016). Do Federalismo. São Paulo: Intermezzo.

ERVIN, Lorenzo Kom'Boa (2015). Anarquismo e Revolução Negra. São Paulo: Coletivo Editorial Singuilar.

GONÇALVES, Rafael Soares; AMOROSO, Mauro (2014). Golpe militar e remoções das favelas cariocas: revisitando um passado ainda atual. ACERVO, RIO DE JANEIRO, V. 27, N° 1, P. 209-226.

KROPOTKIN, Piotr (2009). Ajuda mútua: um fator de evolução. São Sebastião: A Senhora Editora.

LIMA, Jaqueline de Cássia Pinheiro (2014). Do desmonte da favela à criação do Parque Proletário: política assistencial? Revista Diversitas, São Paulo, n. 2, p. 186-223, apr. 2016.

ISSN 2318-2016. Disponível em:
<http://diversitas.fflch.usp.br/sites/diversitas.fflch.usp.br/files/inline-files/Revista%20Diversitas%202020Dossi%C3%AA%20Conhecimentos%20Compartilhados.pdf>

MARICATO, E (1979). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. (v. 1) edi. 2, São Paulo, Ed. Alfa-ômega.

MONTEBELLO, Natalia Monzón (2009). Federalismo e Autogestão: Anarquismo – Proudhon, Guerra Civil Espanhola. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, área de Ciência Política), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MORAES, Wallace dos Santos (2016). Teses da teoria da política anarco-comunista – reflexões a partir do pensamento de Kropotkin. In: MORAES, Wallace dos Santos e

JOURDAN, Camila (Orgs.). Teoria política anarquista e libertária. Rio de Janeiro: Via Verita.

PERLMAN, Janice E. (1977). O Mito e a Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PROUDHON, Pierre-Joseph (2001). Do princípio federativo. São Paulo: Imaginário.

SANTIAGO, Luisa (2016). Um pouco do que foi dito sobre favelas cariocas. In: GIANOTTI, Cláudia Santiago. Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje. Uma história de resistência nas favelas cariocas. Rio de Janeiro: Núcleo Piratininga de Comunicação / Fundação Rosa Luxemburgo.

VALLADARES, Lícia (2000). Gênese da favela carioca. A produção anterior às Ciências Sociais. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15 N° 44.